



CENAS DE PARTO E POLÍTICAS DO CORPO.
Carneiro RG. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz;
2015. 328 p. ISBN 978-85-7541-458-3.

doi:10.1590/0102-311X00132716

A medicina que vibra na doença e o corpo que não aguenta mais: parto, resistência e subjetivação no cenário contemporâneo da medicalização

Rosamaria Giatti Carneiro nos brinda com o livro *Cenas de Parto e Políticas do Corpo*, fruto de pesquisa etnográfica empreendida no curso do doutorado. Ele nasce em um cenário em que 56% dos nascimentos no Brasil se dão via cesariana, intensas controvérsias envolvem a assistência ao parto e profissionais de saúde, autoridades ministeriais e movimentos de humanização procuram formular políticas para transformação do modelo assistencial. O olhar da autora está atento a tudo isso, mas nos chama a descortinar novas paisagens. Ela trata de “*cenas de parto diferentes das costumeiramente vistas nos hospitais – em que o cotidiano é de cesáreas –, de histórias de mulheres que experimentaram outras formas de dar à luz, de suas narrativas e sobre as implicações sociais desse tipo de prática*” (p. 33). Um trabalho que parte de “*um registro simbólico feminino: a fala de mulheres que se envolveram com o ideário do parto humanizado*” (p. 36), histórias que são exploradas em diálogo com muitos “*autores parceiros*” e à luz de diversas “*aberturas teóricas*”.

Os capítulos são organizados de modo a conduzir o leitor da margem ao cerne da questão do parir no Brasil contemporâneo, segundo perspectivas teóricas e políticas eleitas por Rosamaria. O primeiro capítulo contextualiza o objeto estudado, percorrendo o processo de transformações do parto no Brasil, discutindo a medicalização desse evento e a noção de “*humanização do parto*”, em diálogo com autores da antropologia e da saúde coletiva. A autora se propõe a “*problematizar as práticas de parto mais naturais à luz de seus registros femininos*” e trabalhar “*a ideia de que esse parir diferente se configura como outro paradigma de parto e como uma possível reação à ideia de medicalização da sociedade*” (p. 69).

O percurso empreendido no desenvolvimento do estudo é apresentado no capítulo *Em Campo e em Jogo: Práticas de Parto, Emoções e Traduções*. Para entender práticas de parir menos costumeiras, Rosamaria frequentou grupos de preparo para o parto com casais e mulheres que aderiram ao ideário do parto humanizado, no interior de São Paulo, realizou entrevistas e acompanhou listas de discussão. Histórias de 18 mulheres são apresentadas e analisadas e uma pluralidade de situações emerge: marinhaeiras de primeira e mulheres que já eram mães; histórias de parto em casa e na

maternidade, via vaginal e cesárea, com médicos, obstetras e/ou doulas. A descrição densa das trajetórias de parto, um dos pontos altos da obra, nos aproxima de suas experiências e de noções que têm sobre corpo e parto. Dessa miríade de experiências, com aspectos dissidentes e coincidentes, Rosamaria desfia minuciosamente os “*nós do campo*”: natureza e cultura, tempo e espaço, relações de gênero, medo e risco, corpo grávido e corpo na cena de parto, entre outros. Em que pese a pluralidade de situações, chama a atenção que no universo estudado não circularam discursos que colocassem em xeque o ideário do parto humanizado, como também não foram relatados desfechos negativos para a mulher ou a criança. Deixamos em aberto a pergunta se nesses espaços não circulam tais questões ou não cabem tais compartilhamentos, o que poderia introduzir ambiguidades na positivação de tal ideário.

A grande força do livro está no capítulo *Em Nome da Experiência: Parto, Sexualidade e Espiritualidade*, em que as mulheres entrevistadas são colocadas em diálogo com autores como Walter Benjamin, Giorgio Agamben, Michel Foucault e Joan Scott. Com esses autores, Rosamaria discute a categoria experiência para sustentar a tese de que, para além da rejeição a um uso abusivo de tecnologia e de cirurgia no parto – em função das iatrogenias ou por solapar o protagonismo feminino – as mulheres buscam resistir ao empobrecimento de sua experiência reprodutiva, resultante de uma assistência rotinizada, padronizada e despersonalizada. Mediada de modo absolutista pela técnica e a ciência, esse tipo de assistência seria o emblema de estruturas de racionalidade moderna que são incapazes de lidar com o que não pode ser abreviado, controlado, domesticado e conhecido de antemão. As mulheres que aderiram ao ideário do parto humanizado não desejavam “*mais um parto*”, mas “*um parto todo seu*” – um acontecimento simples e singular, mágico e caótico, incontrolável e imprevisível. Para reaver a capacidade de experimentar, é preciso subverter: desafiar o discurso normativo do risco e vigilância, resignificar o medo da dor e do descontrole e, citando Benjamin, espantar o tédio (tecnocientífico) do “*pássaro de sonho que choca os ovos da experiência*” (p. 205).

A experiência da qual se trata aqui não é fraturada em corporalidade e pessoalidade: nela se fundem dimensões físicas, sensoriais, psíquicas, emocionais, sexuais e espirituais. Nesse ponto, Rosamaria chama autores como Luiz Fernando Duarte, Georg Simmel e Louis Dumont para discutir noções de pessoa, colocadas em marcha nas falas das mulheres. Circulam entre elas perspectivas liberais de pessoa – autonomia, liberdades, direitos individuais, escolhas – assim como perspectivas românticas e relacionais – denotadas pela resistência às racionalidades calculistas da técnica e da ciência e a invocação da participação de sensações, sensibilidades, emoções, interações múltiplas e con-



tingências na elaboração de suas experiências somato-subjetivas. “*Partolândia*” é a categoria nativa com a qual as mulheres falam positivamente de alterações de consciência, transes, êxtases e descontroles relacionados à experiência do “*parir diferente*”, a “*estados outros de existência, que aconteceram entre gritos, gemidos, suor, posturas e atitudes impensadas socialmente*” (p. 256). Para a maioria dos médicos, essas situações conotariam risco e instabilidade, porém para as mulheres “*representaram positividade e fruição de seus desejos mais próprios de como parir*” (p. 256).

Em *Feminismos, Partos e Maternidades: História, Reversibilidade e Subjetivação*, a autora parte da recusa das mulheres em identificar suas práticas como “*feministas*” e discute os novos modos de subjetivação, entendendo-a “*como questão eminentemente política*”. Vasculhando práticas, saberes e noções que apartam e aproximam as feministas e as mulheres da pesquisa, conclui que há mais proximidades e intrincamentos do que as últimas imaginam – as mulheres são “*a um só tempo feitos e críticas dos feminismos que a precederam*” (p. 289). É preciso atentar para as transformações que as subjetividades “*maternas*” e “*feministas*” têm passado e os alvos que lhes são comuns: corpo, sexualidade, integridade e direitos.

Em suma, em *Cenas de Parto e Políticas do Corpo*, desenvolve-se a hipótese de que outro paradigma corporal, que resiste às disciplinas somatopolíticas e às estratégias biopolíticas, apresenta-se em estado latente

nas experiências das mulheres adeptas do parir diferente. Trata-se do “*corpo [que] é integralidade e relação, a um só tempo, e que, por isso, dá contornos à noção de pessoa entre elas operante*” (p. 303). Corpo e pessoa não estão cindidos e são constructos de relações intersubjetivas, produtos e produtores de cultura: essa seria a mensagem embutida nas práticas discursivas dessas mulheres, que recusam a despersonalização da assistência nos tradicionais serviços de saúde e reivindicam sua integralidade corporal, psíquica, emocional, sexual e espiritual. O grupo estudado é pequeno, contudo a riqueza do trabalho de Rosamaria não está na representatividade (ou falta dela) das experiências estudadas, mas sim na transcendência de sua produção teórico-analítica para uma análise crítica de formas de reapropriação reflexiva, resistência e disputa contra-hegemônica frente ao avassalador processo de medicalização da sociedade, empreendidas por outros grupos de sujeitos e envolvendo outras experiências sociais e humanas. Por isso, o livro interessa não só à comunidade acadêmica, mas a variados grupos que buscam refletir e transformar as formas como se nasce, vive e morre na atualidade.

Andreza Rodrigues Nakano ¹
Claudia Bonan ¹

¹ Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
andrezaenfermeira@gmail.com